

**NO EMBATE DA MODA:
A CONSTRUÇÃO DO MASCULINO E DO FEMININO NO SÉCULO XIX
SOB OS OLHARES DE BAUDELAIRE E FEYDEAU**

LILIANE EDIRA FERREIRA CARVALHO

Quero provar que é preciso ser homem
para saber vestir as mulheres.
(FEYDEAU, 1873: 13)

Com a poeira levantada pelas Revoluções Francesa e Industrial, uma nova estética masculina foi forjada, no século XIX, pautada numa moral burguesa do trabalho. A “grande renúncia masculina” se faz conhecer. Após séculos em que a masculinidade se fez representar pela moda, o homem dito civilizado a nega, pejorativamente limitando-a ao universo feminino e execrando sua influência na sociedade. Sendo a França, com a Alta Costura, o pólo disseminador de modas no século XIX, procurou-se analisar o discurso masculino sobre o feminino. Discurso esse enredado a muitas mãos, sendo que aqui se privilegiou as tramas de apenas dois autores, ambos franceses, que escreveram sobre a moda, a beleza e o feminino na segunda metade do século XIX.

Buscou-se em Charles Baudelaire e Ernest Feydeau¹, perceber como a mulher e a moda são articuladas em seus discursos, dentro do contexto da “grande renúncia” que caracterizou a estética masculina e deixou às mulheres a “futilidade” da moda. É a partir da forma como falaram sobre a moda, a relevância que deram ou não as suas minúcias e a maneira como trabalharam o feminino em articulação com os valores de belo do período, que se percebeu de que modo teceram seus discursos sobre a feminilidade. Afinal, *o autor é aquele que dá à inquietante linguagem da ficção suas unidades seus nós de coerência, sua inserção no real* (FOUCAULT, 2003: 28).

Os discursos masculinos sobre a moda e o feminino na segunda metade do século XIX, são aqui percebidos através das obras de Baudelaire (1997) e Feydeau (1873): o primeiro representado na forma de um artigo crítico da arte de Constantin Guys, originalmente escrito em 1859. Já o segundo, através de um livreto dedicado às mulheres elegantes intitulado “A arte de agradar”, onde Feydeau inicia falando que gostaria de criar um jornal de modas *que não seria acompanhado de figurinos, nem serviria para anúncio, seria concebido e executado mais para o fim instrutivo do que comercial e sob forma exclusivamente literária* (1873: 05).

Quando Baudelaire escreve sobre as obras de Guys é com seu arcabouço cultural que dialoga, com os valores de sua época. Em verdade, o que nos importa não é tanto o que está representado nas pinturas, mas os sentidos que Baudelaire, assim como Feydeau, emprega em suas explicações, permitindo que vislumbremos os diferentes discursos correntes em sua época. Feydeau, não podendo fundar um jornal, escreve no livro suas propostas para ele, propondo-se a refazer a educação das mulheres, formar e desenvolver seus gostos e ensiná-las a tratar de sua delicada pessoa, *vesti-las de modo a fazer valer mais alguma coisa e pôr-lhes à luz as suas vantagens, impedir que caiam no ridículo e que evitem os caprichos do vestuário* (1873: 09). Dono de uma postura de superioridade em relação ao que chama de “o belo sexo”, que ele espera salvar do ridículo, Feydeau se acredita apto a *pregar às mulheres a arte de não se enfeiares*, afirmando ainda, *sei que é penoso dizer-se isso, mas não é inútil, embora saiba que enfeiam-se algumas vezes com o louvável desígnio de agradar-nos, o que de tal modo comove-me, que quase choro*. (1873: 09).

Apesar de distarem algumas décadas, as obras desses dois escritores permitem que se beba, na taça do tempo, os enunciados que fundamentavam sua sociedade. A partir das posturas que tomam ao falar da relação da mulher com a moda, pode-se confrontar valores, permitindo que se perceba, através das contradições, que os discursos são construídos cultural e socialmente, não sendo, portanto, naturais. Nesse sentido, os discursos foram percebidos como indícios de um jogo complexo de relações - posto que são construídos socialmente dentro de contextos históricos e sociais específicos – que participam da fundamentação ou forja das identidades sociais, individuais e de gênero.

Falando sobre a moda e a beleza, Feydeau e Baudelaire ajudaram a constituir os discursos sobre a feminilidade e, conseqüentemente, sobre as identidades de gênero, pois o masculino e o feminino são forjados nas fronteiras onde se encontram e travam relações. A beleza e a feminilidade, muitas vezes construídas visualmente através de escolhas apoiadas nos valores da moda, põem-se como modos de organização das relações sociais, pautadas nos discursos que permearam o século XIX, sendo passíveis de transformações e redefinições.

Para entender a relação que a moda estabelece na hierarquização da sociedade é preciso antes entender um pouco da sua dinâmica. Construída historicamente, a moda é percebida como expressão do desejo do novo, caracterizado pelas mudanças e transformações que desconstroem as

velhas ordens, buscando constantemente novas formas estéticas para o estabelecimento de novas possibilidades de identificação. Para Baudot (2000), moda e movimento são palavras indissociáveis. Moda é mudança que, negando o passado, pauta-se como expressão de novos valores e aspirações sociais, materializando-se nos mais diversos suportes. Comunicando visualmente, a moda é linguagem. Sua materialidade permite que se façam leituras a partir de signos e significados, que a compõe como linguagem, que são construídos e reconstruídos ao longo das interações entre os sujeitos (BARNARD, 2003).

Dessa forma, a roupa e sua atualização são questões culturais, condicionadas pela época, pelos valores de uma sociedade, por seus mitos, crenças e produção intelectual. Nesse sentido, o corpo, percebido como um suporte para a moda, tem sua aparência pautada pela cultura. Sant’Anna afirma que “toda aparência constrói significados próprios ao grupo que a constituiu” (2003:77). Entendida como agente histórico, a estética participa da criação de sentidos, que por sua vez interagem nas relações humanas fundamentando identidades. Assim, é na aparência dos corpos vestidos, ou não, que a moda irá imprimir os diferentes matizes que permitem a visualização das relações paradoxais de uma época.

Neste contexto de definições, a Moda se expressa nos corpos não só através das formas, cores e texturas dos tecidos, mas pelo porte de atributos sutis que condicionam a pertença social. Fundamentada em exclusões e inclusões estéticas, que participam das relações de inclusão e exclusão sociais, a Moda pode ser percebida dentro da lógica dos discursos, que relacionam os indivíduos e constroem identidades, condicionados pelos valores culturais, morais e políticos de uma determinada sociedade. Assim, é possível ler, nos discursos de moda de uma época, como são pensados os indivíduos, suas relações e interações, como se articulam os gêneros e as sexualidades, as classes sociais e as pertencas políticas. Para Foucault, um autor não deve ser percebido como um indivíduo que apenas escreveu ou pronunciou um texto, mas como *princípio de agrupamento do discurso, como unidade e origem de suas significações, como foco de sua coerência* (2003: 26). Dessa forma percebido, um autor é quem sistematiza as idéias que permeiam o social e, ao criar seus discursos, trabalha a coerção e a restrição.

Segundo Gilda de Mello e Souza (1987), o vestuário masculino sofre, no século XIX, um despojamento crescente até chegar ao ascetismo. Em contrapartida, o vestuário feminino, passada a onda de simplicidade pós-revolucionária que marcou o final do século XVIII e início do século XIX, foi gradativamente enchendo-se de rendas, babados, fitas e bordados. Na moda, os homens se despediram, gradualmente, das fantasias estéticas, em seus discursos alçando-se a uma categoria superior em que sua roupa teria alcançado o mais alto grau de funcionalidade de uma civilização, equiparável a sua própria posição no mundo natural: ser superior entre todas as criaturas, com capacidade para dominar a natureza. Mas, no que se refere a moda feminina, assumiram a postura de dizê-las irracionais, fantasias absurdas e anormais que comprovam, por si só, a natureza insensata das mulheres. Cabia, assim, ao homem, no alto de sua superioridade racional, dizer às mulheres o que vestir e como vestir, da mesma forma como já faziam em tantos outros meios em que detinham o domínio.

Como homem do século XIX, imbuído das relações e conceitos que naquele momento se estabeleciam, Feydeau entendia que a moda era considerada assunto feminino, portanto de “menor importância”, sua futilidade e efemeridade destinada às preocupações femininas. No entanto, legítima sua autoridade para falar de moda e beleza exatamente por considerar que a moda serve às mulheres em sua maior busca, a conquista do coração dos homens. Em sua lógica, sendo ele um homem e sendo para os homens que se destina a preocupação estética feminina, nada mais certo do que ele mostrar como a mulher deve se vestir: *por mim prefiro vê-las respeitar-se um pouco mais e daí nasceu a idéia que tive e que ainda hoje tenho de iniciá-las e ajudá-las.* (1873: 09)

Baudelaire e Feydeau beberam seus conceitos na taça comum dos valores de sua época. A maneira como dispõe as mulheres, como delas falam, elogiando-as por suas belezas e desprezando-as por sua condição de “animal estúpido”, permite que retratemos as relações entre masculino e feminino que se estabeleceram em sua sociedade. Fala-se aqui de masculino e feminino, porque ambos são constantemente resignificados no confronto diário, nas fronteiras em que ambos se espelham para melhor se constituírem. Sintomático de uma era de industrialização pautada no racionalismo e cientificismo associado ao masculino, o discurso sobre o feminino se faz no contraponto entre razão e emoção, força e sensibilidade, civilidade e barbárie - esta última pensada em termos de natureza –

onde o masculino descaracteriza o feminino como modelo, impingindo a ele um controle que tende a dominá-lo, subjuguá-lo, como a própria natureza deve ser controlada.

No século XIX, a casa burguesa privilegia o casamento para as mulheres, onde do domínio paterno passam ao marital: isso as deveria impedir de cometer as loucuras próprias de sua espécie. O bom nome das famílias, o reconhecimento de sua excelência em educação e controle - e em reflexo direto do controle de seus negócios – passa pela maneira como suas filhas e esposas são vistas e representadas socialmente. A moda, neste sentido, participava como *ethos*, articulador das relações entre indivíduos, homens e mulheres.

Baudelaire e Feydeau, assim como Balzac, Alencar e Machado de Assis, são apenas alguns dos homens que usavam falar do vestuário feminino, suas modas e gostos, para caracterizar as relações entre indivíduos e pertencimento social. O farfalhar misterioso do tafetá das saias, ajudava a conceituar uma sensualidade latente coberta por tecidos que protegiam o decoro, ao mesmo tempo diferenciando as mulheres, pelo som, dos homens em seus monótonos trajes. No brilho sedoso das sedas, nos olhares baixos que se escondem, nas fitas e cetins ou nos peitilhos bordados, um mundo de mensagens codificadas permite aos homens, pelo menos os mais atentos, entender e se comunicar com as mulheres. Formando, segundo afirmam, um todo indivisível, a mulher e a moda se complementam e definem.

Ídolos estúpidos, as mulheres, para Baudelaire e Feydeau, são seres que nada tem a dizer. Eles as categorizam constantemente, tecendo em torno delas tramas de conceitos que as definem como femininas ou não, jovens ou velhas, belas ou feias, louras ou morenas, casadas ou solteiras, elegantes, “galantes” ou “prussianas” - aqui uma redundância, posto que, segundo Feydeau, as “prussianas” são mulheres que não se respeitam.

Sempre divididas entre dois patamares distintos, tênues são as fronteiras que separam as categorias a que pertencem as mulheres. Essas fronteiras de demarcação servem para que se saiba como devem ser tratadas: com respeito e admiração, ou escárnio e deboche. São mulheres de família e casadoiras, ou meretrizes sujas dos bordéis fétidos. Cabe aos homens, segundo se pôde perceber, manter as fronteiras que dividem o decoro da devassidão. O que se percebe nos discursos é a diferenciação entre masculino e feminino a partir da relação natureza e cultura. Assim o luxo, o

excesso, a busca constante pelas novidades da moda nas variadas formas, os tecidos com suas muitas possibilidades de cores e texturas, são relacionados à moda feminina – preocupação fútil com o parecer característico de sua associação com a natureza – indomável, extravagante ou luxuriosa. A associação mulher/natureza serve em justa medida para forjar o contraponto homem/razão.

Vestindo-se para agradar aos homens, perdidas em fofos e laçarotes, essas mulheres, segundo os autores, são insensatas e irracionais, podendo, sem o amparo de que necessitam, perderem-se nos excessos da moda que, como elas, feita do mesmo sopro vital, busca o belo, a novidade e os olhares para si. Mas, o fio que separa a beleza da feiúra ou a elegância do ordinário, é muito tênue. Cabe aos homens trazê-las a razão. É neste sentido que correm os discursos, onde vemos que as mulheres, sempre prontas a seduzir, desde as prostitutas até as mocinhas no teatro com seus colos precoces, só se diferem entre si por terem um homem que lhes guie, que as tirem dos excessos de que sua natureza se alimenta; que cale suas paixões, posto que estas podem levá-las a atravessar a fronteira em que as mulheres elegantes e as “galantes” se confrontam e se forjam. Dessa forma, numa relação de ambigüidade com a moda, as mulheres se comunicam com o mundo, dizendo de si e dos seus, ao imprimirem em seus corpos as mensagens estéticas fundamentadas nos valores criados pela sociedade de que fazem parte.

Nas fronteiras entre o sublime e o mundano, trabalham os dois autores. Baudelaire buscando uma beleza social, trabalha as mulheres num contexto mais amplo. Feydeau concentra a beleza em um corpo particular que corresponda aos quesitos que, ele acredita, devem agradar a todos os homens. Mas tanto para Baudelaire, quanto para Feydeau, a beleza e a moda expressam o universo feminino e ajudam na sua categorização social. Para os autores, a natureza feminina, apaixonada, insensata e irracional, deve ser controlada. Em Feydeau isso é explícito: belas ou feias, tudo depende da maneira como são insensatas e não distinguem o que lhes favorece. Apesar de querer agradar, são como crianças sem juízo que trocam um brinquedo novo pelo outro, buscando serem as mais belas, as mais desejáveis, as mais amadas. Mas, tudo que fazem é para corresponder aos papéis sociais que se lhes destinam: casarem, terem filhos e serem respeitáveis.

Em Baudelaire, a necessidade de controle sobre o feminino pode ser lida na maneira como divide os grupos sociais, na forma como as prostitutas são masculinizadas, na maneira como os

cigarros e os charutos, símbolos fálicos do universo masculino, ocupam toda a extensão de suas pequenas bocas; no tédio dos bordéis, onde o álcool as consome em mais um dia de melancolia ou na forma como balançam as crinolinas, tão representativas do decoro vitoriano burguês que parecem rir de suas presunções. Já as elegantes, são jovens e delicadas, ensaiando os primeiros olhares sedutores, ou são senhoras bem casadas, que passeiam com seus maridos lentamente, sem pressa, nos jardins públicos, parecendo dizer a quem as vê que foram sensatas o suficiente - ou bem dirigidas em suas escolhas – a ponto de terem feito um bom casamento.

Dois mundos femininos tão próximos e tão afastados. Mundos em que os homens do século XIX circulam, interagindo com ambos sem prejuízo de seu valor moral. Conhecedores desses dois mundos, discutem os meios de preservar suas mulheres e filhas de serem associadas com aquilo que sua sociedade entende como o mais vil: a natureza sem controle. Para os burgueses, assim como os bem tratados jardins de suas mansões – onde a natureza é domesticada, esquadrinhada e selecionada tornando-se desejada e encantadora – refletem os valores de civilidade, controle e decoro, também suas mulheres - flores a seu modo e dotadas das mesmas paixões sem medida e controle que a natureza – devem ser podadas, regadas com atenção, protegidas dos ardores e separadas das ervas daninhas que as podem corromper.

A distinção dos espaços de circulação feminina podem ser, dessa forma, condicionadas pelos homens. Eles, dotados de natureza racional, podem e devem, segundo acreditam, intervir para proteger o feminino de seus instintos naturais, pois estes poderiam levar, não só a elas, mas o bom nome familiar, à ruína, por não coadunarem com os princípios de moral e decoro próprios de sua condição civilizada. Assim, nos discursos, o masculino e o feminino se chocam e se fundamentam nas fronteiras que os separam e, por consequência, os definem. As mulheres, pensadas em termos de uma natureza que deve ser domada, precisam de um homem, ser racional, que o faça. A autoridade de falar sobre moda às mulheres, vem do imperativo de não deixá-las relegadas à própria sorte, posto acreditarem-nas serem demasiado insensatas para distinguir o que lhes favorece, e demonstra seu pertencimento social, ou o que lhes assemelha às “galantes”, pobres e masculinizadas pela necessidade de prover a própria sobrevivência.

Em Baudelaire, assim como em Feydeau, os sentidos que empregam em suas explicações, permitem que se vislumbre os diferentes discursos correntes em sua época, pinçados e amalgamados em seus próprios discursos.

1 Charles Baudelaire participa deste trabalho com sua obra “Sobre a modernidade: o pintor da vida moderna”, publicada originalmente em 1859. Já a obra de Ernest Feydeau, “A arte de agradar”, foi publicada no Brasil em 1873.

- BARNARD, M. **Moda e comunicação**. [trad. Lúcia Olinto] - Rio de Janeiro: Rocco, 2003.
- BAUDELAIRE, C. **Sobre a modernidade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- BAUDOT, F. **Moda do século**. [trad. Maria T. R. Costa] - São Paulo: Cosac & Naify, 2000.
- BENSTOCK, S.; FERRISS, S. (Orgs). **Por dentro da moda**. Rio de Janeiro: Rocco, 2002.
- BOLLON, P. **A moral da máscara**. [trad. Ana M. Scherer] - Rio de Janeiro: Rocco, 1993.
- CASTELLS, Manuel. **O poder da identidade**. Vol 2. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1999.
- CERTEAU, M. de. **A invenção do cotidiano**. Vol.1. [trad. Ephraim F. Alves] – Petrópolis: Vozes, 1994.
- CORBIN, A. **Saberes e odores**. [trad. Lygia A. Watanabe] - São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- FOUCAULT, M. **A ordem do discurso**. [trad. Laura Fraga de Almeida Sampaio] – São Paulo: Loyola, 1996.
- FEYDEAU, E. **A arte de agradar**. Rio de Janeiro: B.L. Garnier, 1873.
- HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.
- HOBBSAWM, E.J. **A era do capital: 1848 – 1875**. [trad. Luciano C. Neto] – Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.
- HOLLANDER, A. **O sexo e as roupas**. [trad. Alexandre Tort] - Rio de Janeiro: Rocco, 1996.
- LA HAYE, A. de.; MENDES, V. **A moda do século XX**. [trad. Luís C. Borges] - São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- LEHNERT, G. **História da moda do século XX**. Colônia: Könemann, 2001.
- LIPOVETSKY, G. **O império do efêmero**. [trad. Maria L. Machado] - São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- LURIE, A. **A linguagem das roupas**. [trad. Ana L. D. Borges] - Rio de Janeiro: Rocco, 1997.
- SANT'ANNA, M. R. **MODAPALAVRA**. Vol. 2, n.2. Florianópolis: UDESC/CEART, 2003.
- SOUZA, G. de M. **O espírito das roupas**. São Paulo: Cia das Letras, 1987.
- WILSON, E. **Enfeitada de sonhos**. Lisboa: Edições 70, 1985.